



“DO RIO A MANAUS, NÃO HÁ NADA IGUAL!”: POSES DA VIDA EM NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA EM (TRANS) FORMAÇÃO

João da Costa Cavalcante Filho¹, Alana Giovana Souza dos Santos¹, Carlos Victor Alfaia Silva², Cristieyli Santos de Lima³

joao_c_filho@hotmail.com, alanagiovanasantos23@gmail1, victoralfaia3@gmail.com2, cristieyliama059@gmail.com3

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

Resumo. O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados da pesquisa desenvolvida no Programa Ciência na Escola (PCE, 2021), promovido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado do Amazonas (FAPEAM). A pesquisa, então, intencionou ouvir relatos de uma professora de língua inglesa da rede pública estadual de Manaus-AM (SEDUC). Assim, as trilhas cursadas pela colaboradora da pesquisa foram provocadas em inter-relações constantes nos aspectos pessoais, sociais e profissionais, como a convivência em família, as vivências no processo de escolarização, as motivações para se assumir professora e o capital cultural adquirido em marcas indelévels do itinerário realizado. Para tanto, utilizou-se do referencial teórico-metodológico das Histórias de vida e narrativas da docente. Destarte, a pesquisa teve como resultado: 1) A compreensão da pessoa da professora; 2) A valoração da docente como artífice da própria (trans)formação em serviço no espaço da escola, e; 3) O relato de “si” como possibilidade de (auto)formação pensada a partir dos desafios, expectativas e resultados exitosos de ensinar/aprender na escola.

Palavras-chave: Memória, Narrativas, Professor, Formação docente, Escola básica,

Abstract. The privileged objective, in this research developed in a public school in the city of Manaus-Amazonas, refers to the pedagogical know-how of the teachers of a public school: Escola Estadual Prof. Antenor Sarmiento Pessoa, because in this study we consider the interrelationships that guide the personal and professional lives of professors at this institution. For this, we used the theoretical-methodological framework of Life Stories that contributed to the understanding of teachers' lives in the family, school, university and teaching fields. Therefore, this research sought to understand: 1) the life and profession of teachers; 2) reflection on teaching as a practice of building human values at school; 4) being

¹ Professor na rede estadual de ensino de Manaus-Amazonas, Mestre em Ensino Tecnológico (IFAM), coordenador do projeto *Histórias de Vida de Professores: Memórias, Imagens e Cotidiano na Escola Estadual Prof. Antenor Sarmiento Pessoa*, promovido pelo Programa Ciência na Escola (PCE/FAPEAM), com a colaboração de 03 (três) estudantes de ensino médio da E.E. Prof. Antenor S. Pessoa.



a teacher as a possibility of knowing the personal and professional life of teachers in the face of the challenges of teaching and learning in basic education.

Keywords: Memory, Narratives, Teacher, Teacher training, Basic school.

Resumen: *El objetivo de este trabajo es presentar los resultados de la investigación desarrollada en el Programa Ciencia en la Escuela (PCE, 2021), promovido por la Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). La investigación, entonces, tuvo como objetivo escuchar los informes de un profesor de lengua inglesa de la red pública estatal de Manaus-AM (SEDUC). Así, los caminos recorridos por el colaborador de investigación se suscitaron en constantes interrelaciones en aspectos personales, sociales y profesionales, como la vida familiar, las vivencias en el proceso de escolarización, las motivaciones para convertirse en docente y el capital cultural adquirido en marcas imborrables de la ruta. tomado. Para ello, utilizamos el referencial teórico-metodológico de las historias de vida y narrativas del docente. Así, la investigación resultó en: 1) Comprender la persona del docente; 2) La valoración del docente como artífice de su propia (trans)formación en servicio en el espacio escolar, y; 3) El relato del “yo” como posibilidad de (auto)formación pensada desde los desafíos, expectativas y resultados exitosos de la enseñanza/aprendizaje en la escuela.*

Palabras clave: Memoria, Narrativas, Docente, Formación docente, Escuela básica.

3. PALAVRAS INICIAIS

Este artigo insere-se no contexto de resultados obtidos pela pesquisa desenvolvida durante a realização do projeto “*Histórias de Vida de Professores: Memórias, Imagens e Cotidiano na Escola Estadual Prof. Antenor Sarmiento Pessoa*”, vinculado ao Programa Ciência na Escola (PCE), uma parceria institucional da Secretaria de Educação e Desporto (SEDUC-AM) com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM).

A pesquisa teve o interesse de ouvir os relatos de uma professora de língua inglesa da rede pública, de modo que as trilhas cursadas por essa colaboradora da pesquisa fossem vistas pelas inter-relações intensas nos aspectos fossem notados como pertinentes à formação profissional a partir de experiências familiares, processo de escolarização, as motivações para docência a partir de seus saberes/fazeres no itinerário realizado.

Na pesquisa realizada conhecemos a história de vida de Sônia Sineiro, que se tornou professora em múltiplas inter-relações, que evidenciaram suas disposições pessoais, profissionais e sociais construídas ao longo de sua vida e profissão docente, transformando



suas credenciais de refletir sobre aprender/ensinar e compreender sua subjetividade em atuação e potencialidades para ser professora no ensino básico.

A reinvenção da pessoa da professora Sônia pelos seus relatos nos faz pensar sobre a necessidade de ouvir as vozes de professores para que narrem o que sentem sobre sua vida profissional diante do fato de que a maioria deles não conseguirá separar de sua vida pessoal e institucional que perpassa o “ser” pessoa como sujeitos docentes.

O comprometimento de Sônia fez com ela se apropriasse do capital cultural do curso de licenciatura em Letras, que tornou possível usar a língua inglesa como passaporte para o mundo do trabalho no ramo de turismo, guiando os visitantes para conhecer as belezas da “cidade maravilhosa”, assim como a encorajou a deixar sua terra natal para vencer a incerteza de trabalho futuro diante da instabilidade financeira. Então, vamos conhecer a história de Sônia? O convite começa agora em sua companhia.

2. UM OLHAR SOBRE A PESSOA DO PROFESSOR

A necessária renovação da escola com novas formas de educar passa por uma redefinição da profissão docente para atuar movido por novas competências que modificam velhos paradigmas, a partir da análise compreensiva de questões que respondam às incertezas da formação docente em vista da atualização profissional em torno do ser, saber e saber-fazer pedagógico em transformação (IMBÉRNON, 2011).

Nesse contexto, o respeito pelo autobiográfico, pela “vida”, é um lado de uma preocupação em evocar a voz dos professores. Como pesquisa qualitativa educacional, as histórias de vida têm a intenção de ouvir o que o professor diz, respeitando e lidando seriamente com os dados obtidos pelos relatos do professor, sem que desconsidere sua visão sobre os processos de ensino e aprendizagem escolar em meio às mudanças sociais, científicas e tecnológicas na vida pessoal e no trabalho docente (GOODSON, 2022).

Nesse sentido, propomos neste trabalho questões para pensar acerca dos fazeres/saberes docentes na contemporaneidade, tais como: O que pensam os professores sobre a relação da carreira docente a partir de sua trajetória de vida e profissão? Qual a inter-relação de seus saberes com as práticas pedagógicas? Quais as significações construídas pelos professores no processo de consciência da trajetória de vida realizada?



Formar professores como protagonistas da educação a partir do conhecimento de “si”, do papel do professor/professora no ensino e da função da escola para enfrentar a mudança necessária, pois segundo Nóvoa (2013, p. 18), “a utilização das abordagens autobiográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico”.

Ser professor nos tempos atuais é assumir compromisso com avanços que vão além da retórica do mestre visto como “tarefeiro” do ensino como lhe é comumente visto pela visão empobrecida do seu papel social. Sendo assim, o professor tem a necessidade de vencer os mecanismos da racionalização técnica para se tornar trabalhador intelectual, que imprime sua marca na valoração de saberes e experiências no ensino brasileiro.

Para isto, o professor passa a agir como sujeito comprometido com a mudança em educação, e deva se tornar profissional que pensa acerca da vida e do trabalho docente. Na prática pedagógica o professor é ator principal da formação permanente do professorado no espaço da escola.

A formação permanente do professor deve ajudar a desenvolver um conhecimento profissional que lhe permita: avaliar a necessidade potencial e a qualidade da inovação educativa que deve ser introduzida nas instituições; desenvolver habilidades básicas no âmbito das estratégias de ensino em um contexto determinado, do planejamento, do diagnóstico e da avaliação; proporcionar as competências para ser capazes de modificar as tarefas educativas continuamente, em uma tentativa de adaptação à diversidade e ao contexto dos alunos; comprometer-se com o meio social (IMBERNÓN, 2011, p. 75-6).

No desenvolvimento da escola e da ciência objetiva, surge a figura do professor “especialista”, que terá a função de planejar o ensino para aprendizagem do alunado, através do “[...] sistema educativo, para transmitir conhecimentos, baseou-se na principalmente na racionalidade instrumental. São os especialistas que decidem o quê, como e quando se aprende” (IMBERNON, 2000).

As narrativas de vida do professor são consideradas como instrumentos de mudança pedagógica como afirma Marie-Christine Josso, citada por Catani e Vicentini (2006, p. 16), “escutar as narrativas e o trabalho co-interpretativo sobre os processos de formação exigem capacidades de compreensão e de uso de referenciais de interpretação”.



Figura 1 – Processo de (Trans) formação docente
Fonte: Catani (2006)

É assim que discorreremos, a partir da próxima seção, sobre a relação da formação no processo de análise crítica do próprio processo formativo de atuação docente em itinerários formativos que se traduzem em instrumentos de construção da pessoa do professor ao tornar a narrativa como instrumento de formador.

3. MEMÓRIAS: HISTÓRIAS EM (PER)CURSO

As experiências de nossas vidas através da valoração de diferentes histórias de vida nos trazem à memória as formas de viver/conviver com a troca, o aprendizado e a tessitura que, segundo Arfuch (2010, p. 111), pois as narrativas “[...] contam, de diferentes modos, uma história ou experiência de vida”.

As narrativas de tal modo operam que se aproximam das palavras de Larrosa (2004 apud Carvalho, 2011, p. 91), quando este aborda que “as histórias/narrativas do vivido como construtoras da identidade, na medida em que afirmam, relembram, questionam, revelam os elementos do processo de vida de cada um”.

Nesse sentido, as narrativas representam métodos, estratégias e usos em diversos estudos em Antropologia, História, Teoria Literária, Retórica, Linguística, Semiótica,



revelando seu aprendizado em épocas distintas da história humana que, segundo Roland Bathes (1971), crítico literário, relacione a diversidade narrativa do mundo, pois:

[...] a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou imóvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas essas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura [...], no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no fall divers, na conversação Além disso, sob essas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades (BATHES, 1971, apud Paulino, 2000, p. 39-40).

Ao narrar o sujeito tem seus percursos ativados pela memória que evoca a dialética de lembrar e esquecer. Assim, não é novo o interesse pela memória como objeto de estudos, como assim fez a Psicologia que se atentou para as perturbações psíquicas dos sujeitos em consorcio com a Psiquiatria sobre questões do esquecimento pelas amnésias em pacientes com traumas neurológicos (CANO, 2012).

Souza (2007, p. 4) afirma que:

[...] a relação entre memória e esquecimento revela sentidos sobre o dito e não-dito nas histórias individuais e coletivas dos sujeitos, marca dimensões formativas entre experiências vividas e lembranças que constituem identidades e subjetividades, potencializando apreensões sobre as itinerâncias e práticas formativas.

Assim, o “não-dito” vincula-se às recordações, e poderá não ter relação com o esquecimento de um saber ou experiência, sendo necessário compreender as nuances do tempo presente para enfocar os percursos vividos pelo sujeito em contextos a partir da expressão da sua identidade e da história de si.

Segundo Santos (2001), a memória se relaciona com o processo psicológico humano, pois através dela que o corpo presente manterá relações com o passado da pessoa, de modo que as ocorrências passadas serão pura evocação que serão misturadas com os sentidos do tempo presente para que, assim, possa ser dado novo significado a esse passado sob as formas de lembranças de si, ou em estado inconsciente do indivíduo.

Para o teórico psicossocial Maurice Halbwachs, que realizou pesquisas, nos apresenta a ideia dos “quadros sociais da memória”, que destaca as relações do sujeito com as instituições sociais que, conforme Santos (2001, p. 64).

[...] a memória do indivíduo depende não apenas de si mesmo, porém de seu relacionamento com os vários grupos sociais dos quais participou/participa: família, escola, igreja, classe social, grupo profissional – grupos com os quais conviveu ou que são referência para o indivíduo.



A memória traz à tona as lembranças, faz pensar sobre os acontecimentos para lhes dar novo sentido para assim compreender o percurso vivido, concebendo as interações realizadas ao relacionar a vida individual a determinados contextos, como ressalta Halbwachs, citando Bosi (1987, p. 17) que:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

Agostini (2020) menciona Benjamin, estudiosos da relação memória e cultura, que considera esta a base fecunda e propositiva da representação na escala superior do pensamento, desenvolvendo toda potencialidade da cultura na singularidade do ser humano vivendo no contexto social da memória e da experiência.

Segundo Benjamin, citando Prado et al (2018, p. 110):

[...] uma vivência, algo que simplesmente eu passei, eu atravessei, ou algo que me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertencço. É a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência.

Por isso, a memória é seletiva, por excelência, pois guardamos os acontecimentos que, por um motivo ou por outro, tem ou teve significado, sendo que repassamos para o outro os filtros de nossa memória em vivências relacionadas ao indivíduo e à coletividade, contudo sendo o indivíduo quem terá que construir suas narrativas (WORCMAN, 2013).

Bastos (2003) afirma que as vivências de um professor estão inseridas na ressignificação do tempo presente, sendo que o pessoal e o profissional fazem parte da totalidade do *eu*, de forma que a revelação da subjetividade docente no encontro do:

[...] prazer de revelar as inúmeras vivências, de contextualizá-las na busca de reflexão e da crítica, de valorizá-las diante da elaboração do tempo presente, intenta construir o vivido na perspectiva de esclarecer, em parte, o enfrentamento dos desafios epistemológicos do trabalho docente, em que as motivações de vida estão intimamente ligadas (BASTOS, 2003, p. 167).

Segundo Goodson (2020), as histórias de vida, assim como diversas abordagens auto/biográficas e narrativas, são consideradas como aparato teórico-metodológico que confere validade científica na compreensão dos trajetos de indivíduos/grupos sociais, mudando de simples relatos opinativos para fontes de espaço da história de vida.

O trabalho com as abordagens biográficas serve para compreensão de itinerários de formação docente na educação básica. Desse modo, as narrativas de professores se



constituem em processos sobre a formação docente que, através de suas reminiscências de sua relação com a leitura, poderá colaborar com suas práticas escolares e melhoria da docência (NÓVOA, 1992 apud FONSECA, 1997, p. 32).

Assim, são múltiplas vozes para compreender a vida de professores. A companhia dessas vozes nos fez apreciar a pessoa do professor em ação, em itinerários da vida que norteiam a formação da vida e trabalho docente, como assim afirmam Nóvoa (1992), Goodson (2020), Imbérnon (2011), Souza (2007) entre outros.

Ao expor nossa opção pela pesquisa, abordagem e paradigma baseados nas contribuições da memória, através das contribuições da História de vida, cogitamos ter assumido a proposição de desvelar as possibilidades e tensões de uma experiência formadora, a partir das narrativas de uma professora carioca de língua inglesa nos contextos de vida e profissão docente da educação básica na cidade de Manaus-Amazonas.

4. DO RIO A MANAUS, NÃO TEM NADA IGUAL!

[...]
Do Leme ao Pontal
Não há nada igual
Do Leme ao Pontal
Do Leme ao Pontal!
Não há nada igual
Olha o breque!
Sem contar com Calabouço
Flamengo, Botafogo
Urca, Praia Vermelha
Tomo guaraná, suco de caju
Goiabada para sobremesa
Tomo guaraná, suco de caju
Goiabada para sobremesa [...]

*Do leme ao Pontal,
Tim Maia.*

A partir desta seção apresentaremos a colaboradora da pesquisa em suas singularidades. A professora Sônia Sineiro realizou seus relatos colhidos em entrevista com 02 (duas) horas de duração, revelando trilhas do campo pessoal e profissional variando suas poses de vida como filha, irmã, mulher, professora, sindicalista e cidadã brasileira.



**Figura 2 – Sônia Sineiro (com autorização de imagem)
Fonte: Facebook (2022)**

A conversa/entrevista com a professora Sônia ocorreu de forma amistosa, contribuindo para que as “poses de vida” fossem revisitadas em suas memórias para revelação do conhecimento de “si”, que surpreendeu a equipe, mesmo com tendo em vista o entrevistador munido do roteiro de entrevista, do gravador portátil (notebook) e de papel e caneta para posteriores transcrições de suas narrativas autobiográficas.

De forma ordenada, sua voz se fez fluir e brotar a riqueza de histórias que trouxeram novos sentidos a sua pessoa e ao seu fazer pedagógico como professora, e nos favoreceu bem, como pesquisadores, para entrar em sintonia com suas vivências em variados contextos na trajetória profissional. Nosso objetivo nos trouxe ao lugar de trabalho por excelência, a escola, para conhecer a vida da professora (NÓVOA, 1997).

A professora Sônia Sineiro diz gostar de ser professora. Com quase 30 anos de contribuição ao magistério, ela é solteira – mas diz ter um namorado –, sem filhos, a não ser os gatos de estimação que são preferidos da convivência em seu apartamento quitado na



Zona Oeste de Manaus-AM, ainda atuando como docente em dois turnos – matutino e vespertino de escolas municipal e estadual de ensino fundamental de Manaus-AM.

Uma família carioca!

Sônia recuperou em sua narrativa as imagens de experiências de tempos de família, sem que isso signifique “lembrar para reviver”, mas lembrar para se posicionar em relação ao tempo presente a respeito do passado, como são os fragmentos abaixo:

“Nasci no Rio de Janeiro, capital do Rio de Janeiro. [As minhas lembranças se voltam para] a união de minha mãe, baiana de nascimento, com meu pai que tinha ascendência portuguesa”. (Sônia)

“[...] Meus pais se separaram por volta dos meus 4 anos de idade, sendo que minha mãe assumiu a responsabilidade sobre a família.” (Sônia)

“[...] A minha família, de então, era composta pela minha mãe e mais quatro filhos e, devido às novas condições, nos mudamos do centro da capital para morar no subúrbio carioca (1960).” (Sônia)

Tempos de Rio-Escola!

As memórias se tornam uma “viagem” ao passado pelo narrador, estabelecendo elos com o presente, mesmo que seja feita de forma cronológica, linear. Para Sônia, a escola representou novo mundo numa época de difícil acesso ao ensino público e gratuito.

“[...] Lembro viver a minha infância de forma boa, tranquila, sem grandes problemas, estudando em colégio particular, logo no início da vida escolar.” (Sônia)

“[...] Mas lá pelos meus 11 para 12 anos estudei em Colégio Militar, espécie de colégio militarizado, como os que existem em Manaus, e lá fiquei até os 13 ou 14 anos.” (Sônia)

“[...] Depois eu passei a estudar no antigo ginásio em colégio de qualidade excelente, o Rubem Berta, na capital, depois terminei em outro colégio Dalton Santos, local onde terminei meus estudos de ensino médio.”. (Sônia)



Figura 3 – Sônia Sineiro com colegas do colegial na Quinta da Boa Vista, RJ
Fonte: Imagem do Facebook (2022)

O turismo na “cidade maravilhosa”!

Os relatos abaixo ilustram como as reminiscências não são um processo inconsciente pelo conteúdo existencial, que retoma os momentos mais significativos, como fez a jovem Sônia para se inserir no mundo do trabalho, através do serviço turístico.

“[...] Lembro que minha primeira formação de nível médio foi em Turismo e Hotelaria, com curso de inglês com bolsa no Rio de Janeiro, do nível médio até o universitário.” (Sônia)

“[...] Relembro que não queria trabalhar em turismo, sonhava em viajar, em conhecer o mundo, e turismo me levaria a isso.” (Sônia)

“[...] E foi assim que me engajei no campo do turismo. E assim trabalhei muito tempo como guia de turismo, hotelaria.” (Sônia)

“[...] Mas “com a chegada da idade – pois turismo é uma profissão autônoma –, tive receio de ficar desempregada.” (Sônia)

Docência, quem és tu?

A carioca Sônia escolheu a docência em busca da segurança profissional para vencer a falta de oportunidade pelo desemprego e baixos salários, buscando a estabilidade profissional necessária, como os fragmentos abaixo ilustram:

“[...] Fiz vestibular para turismo, mas queria mesmo ser jornalista, optei por outro curso que garantisse estabilidade profissional.” (Sônia)

“[...] A escolha pela docência ocorreu pelo desemprego com a redução de novos postos de trabalho no Rio.” (Sônia)

“[...] Pensei em ser professora para continuar trabalhando, cursei Letras, pois não tive opção se não escolher o magistério, apesar da vontade de ser jornalista.”



(Sônia)

“[...] Fiz o curso de licenciatura em Letras na Universidade Estácio de Sá, com habilitações em literatura brasileira, portuguesa, norte-americana e inglesa.”

(Sônia)

Amazonas: aí vou eu!

O narrador, ao fazer sua memória sobre suas experiências do tempo passado, consegue comparar suas escolhas realizadas no tempo passado em imagens filtradas pela memória, como fez Sônia ao não encontrar oportunidades de trabalho partiu para Manaus para se firmar profissionalmente sem, contudo, desfazer da cultura da região de origem.

“[...] Depois de formada, fiz concurso público para todo lugar [do Brasil]. Tomei conhecimento através da internet de concursos em vários estados como Minas Gerais e sudeste em geral.” (Sônia)

“[...] Contudo, reparei a discrepância no Norte, coo no caso do estado do Acre em que sobravam vagas para docência, e pensei que faria o próximo concurso para essa região do Brasil.” (Sônia)

“[...] Surgiu o concurso para o estado do Amazonas, conhecia sobre a Amazônia pelas leituras que fiz, e sem medo de viajar me inscrevi para o concurso da SEDUC-AM, em 2003.” (Sônia)

“[...] Em 2004, através de uma ligação telefônica, descobri que fui aprovada, comprei passagens caríssimas de avião para vir a Manaus, em pleno mês de carnaval.” (Sônia)

“Do Rio a Manaus, não nada igual!”

No relato abaixo, Sônia expõe sua percepção sobre a lógica prospectiva ao estabelecer relações inteligíveis entre as experiências vividas no Rio de Janeiro e Manaus, como realidades distintas, de povos de culturas diferentes para sua história de vida.

“[...] As diferenças são enormes entre Rio de Janeiro e Manaus em vários sentidos, não que aqui é ruim e lá é maravilhoso, e vice-versa.” (Sônia)

“[...] são lugares diferentes, pois sudeste e norte têm suas belezas e seus encantos, tem mazelas, tanto aqui, quanto lá.” (Sônia)

“[...] Percebo que alto nível e contingente intelectual no Rio de Janeiro, ao comparar Manaus e Rio de Janeiro porque conheço, pois passei em dois concursos daqui.” (Sônia)

“[...] No Rio de Janeiro o número de vagas era muito concorrido, me classificava, mas nunca era aprovada, pelo baixo número de vagas e grande concorrência.” (Sônia)



Manaus, meu amor!

A narrativa de Sônia revela seus desejos, emoções, sentimentos, ações, pensamentos que são fundidos ao longo da existência, de forma que permite que ela seja compreendida pelo fio das experiências pessoais e profissionais de Manaus-AM.

“[...] Em momento nenhum me arrependo de ter deixado de morar no Rio, aqui sou feliz, tenho vida maravilhosa, tenho tudo que não consegui lá, como independência financeira e liberdade.” (Sônia)

“[...] Gosto de morar sozinha, de ter meus animais, sou protetora de animais, gosto de bichos, tenho muitos gatos em casa.” (Sônia)

“[...] Mesmo longe da terra natal, ajudei minha família... Enviava dinheiro daqui de Manaus para família no Rio de Janeiro.” (Sônia)

“[...] Estou em Manaus há 17 anos, vou uma vez ao ano ao Rio de Janeiro, mas aspiro, daqui a dois anos, de voltar para o Rio de Janeiro depois de aposentar.” (Sônia)

Tornar-se professora!

Através da narrativa, Sônia apresenta suas experiências na trajetória realizada. Ao narrar ela ainda revela os nuances de como se tornou professora ao forjar sua identidade docente nas constantes lutas e conflitos em aspectos pessoais, formativos e profissionais.

“[...] O meu ingresso como professora de inglês se deu no ensino médio na Escola Prof. Antenor Sarmiento, mas antes passei por três escolas de ensino médio de Manaus-AM.” (Sônia)

“[...] No Ensino fundamental, do sexto até o sétimo ano, os alunos são interessados, tudo que trazemos de novidade são motivo de interesse para eles. (Sônia)

“[...] No oitavo e nono ano, há grande desinteresse. No ensino médio, os alunos têm grau de conhecimento maior, mas acham que sabem tudo, que têm mais direitos que deveres.” (Sônia)

“[...] O ensino precisa repensar as práticas pedagógicas, pois aluno ensino médio o alunado têm mais dificuldade de aprender outra língua quando não motivado”.

Sou humana demais!

Enfim, Sônia fez-se revelar suas singularidades como pessoa em relação de amorosidade com seus projetos de vida e se relaciona consigo, com outros professores e alunos com o propósito de dar sentido a sua existência.

“[...] Gostaria de ser lembrada, no futuro, pelos meus alunos como uma professora que os ajudou a crescerem na vida, que fui exigente, mas soube dar o melhor.” (Sônia)

“[...] Hoje, as experiências de vida me fizeram ter outra visão da vida e do ensino.”



(Sônia)

“[...] Sou mais maleável, mais humanizada, menos técnica e exigente.”

“[...] Aceito mais os argumentos, os fatos, os contextos de vida de meus alunos, antes eu era muito rigorosa com eles.” (Sônia)

Portanto, as narrativas de Sônia nos trazem algumas reflexões acerca da atuação docente no ensino básico, pois são constitutivas dos meios sociais e dos indivíduos que neles atuam para compreensão da pessoa do professor no desenvolvimento dos afetos, dos processos reflexivos e da colaboração da docência como agente de mudança na sua formação e na aprendizagem dos alunos na escola.

5. À GUISA DE (NÃO) CONCLUIR...

Esta pesquisa visou à compreensão dos processos de autoformação de professores em serviço na cidade de Manaus-Amazonas, de modo que implicou em aceitar vários desafios na perspectiva da concepção do “ser” professor/a em atuação na escola de ensino básico, tais como, superar a visão de considerar o professor como mero “transmissor” de saberes ora produzidos por outrem, desconsiderando seus saberes e experiências como potencialidade de transformação de si e da prática pedagógica.

A partir do enfoque autobiográfico pela história de vida, propusemos ouvir as narrativas da professora/colaboradora em diversos contextos de ação, de modo a realizar registro na perspectiva da epistemologia fenomenológica de seus relatos, os quais se inserem no contexto de singularidades no percurso de uma vida e profissão.

Como resultado da pesquisa, entendemos que a professora Sônia Sineiro, ao longo da construção do seu percurso profissional, se constituiu de novos sentidos para ser pessoa a partir de idiossincrasias que compreendem a vida e o trabalho docente, de modo relacional com as crianças e adolescentes do ensino fundamental, revelando um processo de formação permanente que alcança mais do que uma perspectiva técnica de formação, posto que o formar, aqui, revelou-se completo, envolvendo a pessoa e a professora em um movimento dialético.

Os relatos da professora Sônia, em seus 30 anos de serviço à educação, revelaram as tensões e possibilidades presentes na educação básica, especialmente, nas escolas de ensino básico, como problemas vinculados à organização, financiamento e promoção da educação de qualidade com a valorização dos professores, devendo à Secretaria de Educação e Desporto (SEDUC-AM) a severa aplicação de investimentos de políticas públicas para sucesso do processo educativo.

Assim, afirmamos o compromisso desta pesquisa (auto)biográfica a respeito da memória como análise da sociedade atual, os relatos (auto)biográficos de professores, como condição de contribuir com o sentido de escuta desses profissionais da educação básica, no



intuito de que outros trabalhos do mesmo porte possam contribuir com a vida e o trabalho na formação docente, como projeto de transformação da educação no Brasil.

Nesse sentido, esta pesquisa teve necessidade de ouvir os relatos docentes para compreender a intimidade do ofício de uma professora da educação básica que ministra aulas de língua inglesa, a fim de tecer um sentido e recuperar a maior riqueza que os professores possuem: a esperança e a paixão de ensinar na Escola Estadual Prof. Antenor Sarmiento Pessoa através dos contextos de transformação na vida e trabalho docente.

6. REFERÊNCIAS

AGOSTINI, N. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire e Walter Benjamin**. Petrópolis: Vozes, 2019.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BASTOS, M. Memoriais de professoras: reflexões sobre uma proposta. In: MIGNOT, A.; CUNHA, M. (Orgs.) **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2 ed. São Paulo: TA Queiroz/Edusp, 1987.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANO, Márcio (Org.). **História** – A reflexão e a prática de ensino. São Paulo: Blucher, 2012.

CARVALHO, R. A experiência de educação física no PEJA: sinalizando pistas para formação de professores na modalidade (EJA) e no elemento curricular (EF). In: CARVALHO, R. **Educação física escolar na Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: CRV, 2011.

CATANI, D.; Vicentini, P. Lugares das experiências de vida e de trabalho na formação/autoformação dos professores. In: CATANI, D.; Vicentini, P. **Formação e autoformação**: saberes e práticas nas experiências dos professores. São Paulo: Escrituras, 2006.

FONSECA, S. **Ser professor no Brasil**. Campinas/SP: Papirus, 1997.

GOODSON, I. **A vida e o trabalho docente**. Petrópolis: Vozes, 2022.

GOODSON, I. **Aprendizagem, currículo e política de via**: obras selecionadas. Petrópolis: Vozes, 2020.

IMBÉRNON, F. **A educação no século XX**: os desafios do futuro imediato. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IMBÉRNON, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto editora, 2013.

PAULINO, G. Diversidade de narrativas. In: PAIVA, A. (Org.). **No fim do século: a**



diversidade: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo horizonte: Autêntica, 2000.

PRADO, G. As coordenadoras pedagógicas e a formação continuada: percursos singulares a favor da aprendizagem de todos. In: ALMEIDA, Laurinda; PLACCO, V. **O coordenador pedagógico e seus percursos formativos**. São Paulo: Loyola, 2018.

SANTOS, S. Memórias, histórias de vida, imagens. In: ALVES, Nilda. **Espaços e imagens na escola**. São Paulo: DP&A editora, 2001.

SOUZA, E. **Histórias de vida e formação de professores**: boletim 01 (março). Brasília: SEED/MEC, 2007.

WORCMAN, K. História oral, história de vida e transformação. In: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria (Orgs.). **Depois da utopia**: história oral em seu tempo. São Paulo: Letra e voz/Fapesp, 2013.